

**Apontamentos da Escola de Comunidade com Julián Carrón  
Milão, 14 de Dezembro de 2011**

*Texto de referência: O Sentido Religioso, capítulo XIII, Lisboa, Verbo, 2000, p. 173-181.*

- *Amare ancora*
- *Favola*

Nestas duas canções está resumido tudo o que estamos para dizer na Escola de Comunidade: tudo é dado, bastava apenas voltar a ser criança para reconhecer que tudo é dado; mas muitas vezes, quando o caminho se torna mais difícil, então começamos a temer, e aí, se não está alguém contigo, se falta a certeza de que Alguém está contigo, que nunca te vai deixar, que vence este medo, nós ficamos amedrontados. E é isso que nós vemos por vezes, a propósito da experiência do risco de que *don* Giussani fala, como pergunta uma de vocês: «Não é muito clara para mim a experiência do risco; ou melhor, tenho em mente episódios, como a morte da minha mãe ou a vocação, que eram totalmente prementes e urgentes para o significado que traziam à minha vida; sim, tinha medo de os encarar de frente, mas ao mesmo tempo notava que não me podia descartar, caso contrário não iria avançar, e essas questões de uma maneira ou doutra vinham sempre ao cimo; hoje a Escola de Comunidade diz assim: “Quanto mais uma coisa interessa ao significado da vida, tanto mais temos este de o afirmar”». Por que é que temos este medo de afirmá-la? Porque, quanto mais interessa o significado do viver, mais a nossa liberdade é desafiada. Todos percebemos a dimensão do que é interessante para a vida. Se cai um tostão, uma pessoa quase não se inclina para o apanhar; mas se se tratar de um milhão de euros dá-se logo um salto! Se uma pessoa tem de decidir que tipo de massa há-de deitar na água, passa; mas se tiver de decidir casar, a vida é desafiada e sente todo o seu risco; não é que não goste da pessoa amada, é que se apercebe de que aí está em causa uma coisa tão decisiva para a vida que não pode evitar tremer diante disto. quanto mais importante é a coisa, mais se sente o risco que tem de correr. Portanto a questão é como nos ajudaremos a viver estes momentos de tal maneira que a liberdade possa aderir em qualquer circunstância. Como educamos a liberdade nisto?

*Queria fazer-te uma pergunta sobre a aceitação de que a Escola de Comunidade fala quando diz que é o abraço consciente daquilo que vem ao meu encontro, porque à primeira vista para mim esta questão da aceitação causa um certo problema, causa uma certa chatice. Instintivamente para mim a aceitação é a resignação diante de uma circunstância. E se penso em algumas circunstâncias da minha vida, digo: eu esta resignação não quero. Portanto, gostava de perceber o conteúdo desta aceitação e que valor tem para a vida.*

Mas quando tu dizes que é resignação que juízo estás a dar sobre a circunstância?

*Que é uma circunstância que eu não quero, que não quero enfrentar, que não me calha bem, que quero que mude, que seja outra coisa.*

E assim é difícil que alguém, diante disso, deseje abraçá-la...

*Acho que sim.*

*Eu nestes últimos tempos cada vez que te ouvi falar ouvi-te repetir uma frase de Jesus que mem tem acompanhado continuamente neste último mês, mas só na última Escola de Comunidade me iluminou: «Não vos alegréis porque os demónios vos obedecem, mas porque os vossos nomes estão inscritos no Céu. Não vos alegréis pelo sucesso porque não vos basta, é pouco para o vosso espírito, alegrai-vos porque fostes escolhidos por Mim». Na última Escola de Comunidade, como uma graça, ouvi-a, não como sempre a tinha ouvido, ou seja, como uma censura, mas como uma ternura, e reparei que eu, quando oiço uma frase assim, não como uma censura mas como uma ternura, isso é para mim a experiência da liberdade. Porque é como uma descoberta de mim, que o que eu sou é uma coisa positiva, ao passo que geralmente penso sempre em mim como uma coisa*

*que não calha bem. E aqui percebi que isto é o alargamento da razão; enquanto eu me dou conta que corro o risco de ouvir sempre estas frases como um tanto beatas, portanto deixadas ao meu moralismo. Invece a me ha fatto impressione perché il colpo di tenerezza che mi ha fatto sentirti ripetere questa frase mi ha fatto capire che quando io mi accorgo di me così, allora mi riscopro attenta e accogliente di quello che c'è, mi riscopro positiva come partenza di fronte alla realtà e sento che tutto è una compagnia che mi dice: «Salta!» (per stare all'esempio di don Giussani in montagna). Questo per me è l'educazione, una autorità che con tenerezza mi dice: «Non rallegrarti perché i demòni ti obbediscono, rallegrati perché sei stata presa».*

Bastaria isto para fazermos as malas e voltarmos para casa: que aconteça, como graça, ouvir aquela frase com toda a novidade que traz dentro de si. Porque é assim, como ela descreveu: “Alegrai-vos não pelo sucesso missionário que tivestes. Alegrai-vos muito mais pelo facto de que fostes escolhidos por Mim”. Mas, uma pessoa que diz algo assim, que antecipa a desilusão que acontecerá no dia seguinte (se não no instante seguinte) ao sucesso, já te liberta disso. Que nós a tenhamos percebido tantas vezes como uma repreensão quer dizer que, muitas vezes, reduzimos o Evangelho a indicações moralistas que nunca são capazes de apreender a substância daquilo que existe. Bastou que alguém, que nem que seja por um instante, a tenha percebido por aquilo que é (segundo toda a ternura que Jesus, dizendo assim, tem pelos Seus amigos), para sentir toda a experiência da liberdade. Por que é que eu a repito? Porque primeiro acontece, e repete-la. Primeiro dá-te conta do valor que tem, e depois queres comunicar aos amigos a mesma experiência de liberdade, porque, de outra forma, não nos damos conta do que é a liberdade. Então, a pessoa descobre-se a si mesma (diz ela): sou uma coisa positiva, eu ser feito assim não é uma desgraça (de forma que nem mesmo o sucesso é capaz de me preencher, porque eu sou desejoso de algo tão grande que nem mesmo o sucesso é capaz de me bastar). Não é uma desgraça, porque Jesus não me deixa ali; diz-me que eu tenho muito mais, muito mais do que o sucesso: ou seja, tenho o facto de eu ter sido escolhido por Ele. Mas, em tantas ocasiões, parece-nos que termos sido escolhidos não interessa! Parece que, para responder à nossa necessidade, seja mais decisivo o facto de termos sucesso do que o facto de termos sido escolhidos naquele encontro que nos fez descobrir uma experiência de vida infinitamente maior, mais potente. É apenas uma experiência assim que nos faz perceber – não como uma frase de uma aula de filosofia – o que quer dizer ampliar a razão, ou seja, o que quer dizer redescobrir a experiência da liberdade. Porque a liberdade é esta coincidência de uma pessoa com ela própria, e é a experiência de satisfação que acontece na vida quando a pessoa se dá conta disso. Então, é como se a companhia te dissesse para saltares: podes viver a experiência do risco. E esse é o valor da autoridade: alguém – em primeiro lugar *don Giussani* – nos é dado para nos fazer compreender o que é o significado disto, e torna-se cada vez mais autoridade precisamente porque te faz apreender uma experiência do real à qual tu, nem por sobras, poderias ter chegado. E, a partir desse momento, já não podes deixar de o repetir, porque o facto que acontece dá-te um olhar diferente sobre todas as coisas. Teria tantos exemplos a dar, mas dou um que me aconteceu na semana passada em Rimini, durante os Exercícios dos Universitários: um rapaz – de quem eu tinha lido uma carta –, que tem uma doença degenerativa (a sua mãe havia tido a mesma, e morreu). É impressionante ver como é que este rapaz está diante da sua doença. O que é que lhe podemos dizer que não se torne uma mera consolação? O que é a liberdade para alguém que se vê a degenerar? Ele perguntava-me: “Mas, e todos os meus projectos da universidade, daquilo que estou a estudar?”. Eu disse-lhe: “Mas, o que é que tu tens de mais interessante para fazer na vida do que dizer ‘sim’? Poderias pensar: ‘ele diz isso para me consolar’. Mas, porque haveria eu de o fazer? É um consolo barato porque tu tens esta doença, ou Nossa Senhora, que não estava doente, não tinha outra coisa melhor para fazer do que dizer aquele ‘sim’? Haverá no mundo algum projecto mais decisivo do que o próprio ‘sim’? Haverá alguma experiência de liberdade maior do que esta?”. Digam-me se há alguma coisa mais adequada, mais correspondente, mais verdadeira – não mais consoladora: mais adequada, mais correspondente, mais verdadeira! – do que o desígnio de Deus sobre cada um de nós, e do que dizer “sim” a este desígnio! Mas, para poder dizer “sim” com esta liberdade convém que uma pessoa tenha percebido que já recebeu o prémio, o tesouro, pelo facto de ter sido

escolhida; de outra forma, nenhuma explicação, nenhum moralismo poderá ajudar a pessoa a partir de maneira positiva. Mas, o que é que isto quer dizer? Não devemos esquecer isto nem mesmo quando acabar o livro: estamos a trabalhar sobre *O Sentido Religioso* como verificação da fé. Não estamos a trabalhar sobre *O Sentido Religioso* para ver se somos livres ou não, mas como verificação da fé. Aconteceu-nos algo que nos faculta este tipo de liberdade para entrarmos em qualquer circunstância, ou não? Porque essa é a experiência de que parte Jesus para entrar em qualquer circunstância, para entrar até mesmo no sucesso dos discípulos; mas, sem este olhar de Jesus, não podemos sequer sonhar com uma liberdade assim, nem que tenhamos todas as possibilidades diante de nós.

*Partindo daquilo que foi dito na segunda intervenção da última vez, resolvi escrever a um amigo meu; dizia-lhe que facto de que o foco da relação com ele tinha sofrido alguma mudança, pensando naquela intervenção que me tinha impressionado, e eu via que já não era a afirmação de mim mesma... Leio apenas uma pequena coisa que lhe escrevi: “De tal modo este facto está consolidado dentre deste eu que sou, que não posso recuar desta posição; e fico estupefacto com isso porque não é produzido por mim e não me pertence; ainda que seja o verdadeiro eu, é um dom que me é oferecido, totalmente intrínseco e conatural ao meu eu”. Mesmo quando escrevia isto a ele, espantava-me com este facto, e dava-me conta de que eu tinha exactamente a necessidade de comunicar isto a ele. Quanto ao trabalho que estamos a fazer hoje, eu dava-me conta de que a natureza do meu eu, da minha razão, é intrinsecamente relacional. Por outro lado, nas relações, sobretudo nas relações de trabalho, também relacionado com aquilo que dizias acerca do risco, às vezes a comunidade, em vez da possibilidade de uma pessoa ser acompanhada quando tem medo, é um ponto de resistência no juízo, como se o meu eu não pudesse exprimir-se segundo a experiência do “sim” que disse. Outras vezes, os juízos das pessoas (mesmo de pessoas que me conhecem há muito tempo) parecem-me um pouco superficiais, e por causa disso experimento aquela tristeza da qual se falava há algum tempo; e espero que seja uma tristeza boa, porque eu desejo Jesus.*

Qual é a tua dificuldade? Que em certos momentos, como diante da experiência de risco, não te sentes acompanhada?

*Sim.*

Este é o ponto em que cada um de nós deve reconhecer qual é a companhia que lhe permite entrar na realidade, entrar em qualquer lugar escuro; porque se é uma companhia superficial, não é capaz de nos acompanhar até o fundo. Por isso, cada um de nós deve julgar e encontrar aquele lugar, aquela presença que nos pode verdadeiramente acompanhar. Porque só quem já entrou naquele lugar escuro não tem medo dele.

*Querida simplesmente dar testemunho daquilo que estamos a dizer. A coisa mais interessante que me aconteceu nos últimos anos é algo que ainda hoje não consigo aceitar até o fundo e pode parecer uma frase pesada: quanto mais vou avançando, tanto mais me dou conta de que não dependo de mim. Isto é, a maior revolução que me aconteceu na vida foi quando, a partir de um projecto de quando tinha 10 anos de idade, um sonho, houve uma evolução que me pôs diante o facto de que, antes de mais, não sou eu que faço a realidade, pelo contrário, que é a realidade que me educa. Esta consciência evoluiu numa dinâmica humana, numa relação de amizade: alguém que te chama. Esta noite falávamos de sermos chamados. Dizemos que somos chamados – tanto assim que Cristo significa “ungido” e, portanto, escolhido –, mas de que maneira é que, no meu quotidiano, sou escolhido? Antes de mais, agradeço a Deus porque estou aqui e porque sou capaz de me comunicar com vocês, porque há muita gente nesta terra que não pode fazer o mesmo. E a segunda coisa é que a “unicidade” no quotidiano nasce quando te dás conta de que existe uma realidade que te chama continuamente. Eu, esta noite, até há um instante atrás, não sabia se havia de intervir, depois confiei e disse: “Vamos ver o que acontece”; uma das duas canções, Favola, foi usada pela minha mãe como testamento, dizendo-me: “Quando, um dia eu não estiver cá, esta será a maneira de estar perto de ti”, e muito provavelmente, ela está a ouvir-me neste momento. Qual é*

*a beleza que eu descobri? Que Deus existe e me ama através da realidade. Daqui a pouco será Natal, enquanto eu não tinha ainda dado conta desta revolução, o hábito, lentamente, comia a beleza das coisas; quando eu era pequeno, era muito bonito, depois, aos poucos, foi ficando menos (até digo que é bonito; mas, na verdade, depois, enche-me de tédio). Agora, tornou-se bonito outra vez porque existe esta unicidade que volta ao quotidiano, se tu te dás conta de que a realidade é um dom que vem continuamente ao teu encontro. Lembra-me um presente: alguém que prepara o embrulho, o laço, vai buscá-lo, paga e, depois, chega e diz: “Toma, isto é para ti”. Pelo que percebi, o bom Deus oferece-nos a realidade; esta noite, este lugar é como o embrulho que Ele fez para nós, o rosto do teu vizinho, quando, depois, pegarmos no carro e voltarmos para casa. Esta é a realidade que Ele nos dá, e se entrevemos, nesta realidade, Alguém que nos chama continuamente, Alguém em quem tu confias exactamente porque demonstrou que te ama, percebes que o hábito não vence e, deste modo, derrota qualquer medo.*

Obrigado.

*A mim impressiona-me o facto de que a experiência de ter sido escolhida cresce cada vez mais. E digo isto logo a seguir a esta circunstância em que me encontro a viver, na qual penso ter feito a experiência do risco: quando me envolvi pessoalmente com o panfleto sobre a crise. Porque eu tinha as razões para me envolver com as pessoas, para propor um juízo diferente, tinha também o desejo de fazê-lo porque eu sabia que seria um ganho, mas encontrei-me numa ocasião em que não tinha nem a liberdade, nem a vontade de o fazer. Tinha todas as razões, estava convencida delas, mas emergiu em mim a divisão. Ali percebi que só diante de algo concreto é que me apercebo de uma divisão assim; enquanto eu falo dela e faço o juízo quando estamos entre nós, não vivo o risco, não me dou conta de estar dividida; mas se tenho que dizer isto a qualquer um, publicamente, é ali que se revela, antes de mais para mim mesma, o ponto no qual me encontro. Esta constatação, porém, não me impediu, mas pôs-me em movimento outra vez, quase grata por haver uma companhia como a nossa, porque se eu estou assim dividida, há um lugar que, pelo contrário, leva tão a sério a totalidade da minha pessoa, que me educa, ou seja, põe diante de mim um caminho que eu posso seguir. Impressionou-me como percebi a experiência de ser escolhida, e portanto desta ternura, simplesmente fazendo um gesto assim, dando-me conta do ponto no qual eu estava e, por isso, dando-me conta de que há algo maior que abraça este ponto tão pequeno.*

Obrigado. Às vezes perguntamo-nos: como se educa esta liberdade? Ela fazia referência ao gesto do manifesto “A crise: desafio para uma mudança”. Esta foi a genialidade de don Giussani: que para nos educar sempre nos propôs gestos! É o gesto que educa, para que - como ela bem explicou - possamos ter as razões, mas é só quando arriscamos colocarmo-nos publicamente diante de todos, que percebemos esta cisão. Queria sublinhar isto: como é que nós, constantemente, nos educamos à liberdade? Através dos gestos, porque o gesto é uma modalidade natural, que nos chama, que nos provoca e como tantas vezes nós sozinhos não respondemos, a nossa companhia propõe um gesto em que todos somos provocados e podemos fazê-lo juntos para poder descobrir e depois vencer esta cisão e para exprimir toda a nossa pessoa fazendo-o juntos. Impressiona-me o que ela diz, porque tantas vezes em nós vence aquele mal-estar por aquilo que ainda não existe; ela pelo contrário testemunha-nos que ver esta cisão a torna grata por saber que há um lugar, que existe uma companhia como a nossa onde esta cisão é constantemente superada e vencida. Então, o que é que este facto diz da nossa companhia? Vem-me à memória a frase de don Giussani em *Na origem da pretensão cristã*: «só o divino pode “salvar” o homem», as dimensões do humano. Portanto, qual é a natureza de um lugar que salva constantemente as dimensões do humano? Qual é a natureza desta companhia onde a nossa vida é constantemente redescoberta, o nosso eu é revelado, a nossa razão é alargada? Isto diz da natureza daquele lugar onde começamos a ver a cisão entre razão e afeição ser vencida. Sobre isto, queria ainda ler uma carta: «A frase do capítulo que mais me tocou é aquela que diz: “A educação para a liberdade deve ser educação à opção pela positividade como ponto de partida”. Sugeriste que percebêssemos em nós pontos de dificuldade. Este é o meu ponto de dificuldade: vejo que aquilo que acontece é sinal, não tenho dificuldade em perceber aquele limiar

de mistério para o qual a realidade me empurra, mas apesar disto, muitas vezes fico paralisada, como o rapazinho don Giussani na montanha. É como se eu ainda não estivesse certa da positividade última do real. E tocou-me muito o facto de que diante do mesmo evento, do mesmo romper, da mesma misteriosa reviravolta, para ti o sacrifício existe, mas não é um tema. Pelo contrário, para mim é de tal forma incómodo que me paralisa e consome. Desejo para mim aquela liberdade de um olhar sempre atraído pela hipótese positiva diante do imprevisto, diante da objecção, diante da morte. O que é que permite ser atraído por esta positividade?». Porque sem esta positividade uma pessoa não entra, fica paralisada! Don Giussani diz-nos que se trata do fenómeno comunitário igual ao da criança que na companhia da mãe pode entrar em qualquer quarto escuro. A questão para nós é: como cresce em nós a consciência de um lugar onde a nossa vida é constantemente acompanhada – aquilo que dizia a última intervenção. Mas, tocou-me, já o repetimos quando fizemos este capítulo nos Exercícios da Fraternidade: precisamos de uma presença capaz de vencer esta fractura, esta cisão entre a razão e a afeição, isto é, uma presença – tínhamos dito – que me cole de tal forma que me permita vencer esta fractura. Mas don Giussani diz que quando as coisas se tornam verdadeiramente complicadas, quando a vida empurra para lá das nossas previsões, nem isto basta. Cito don Giussani em *Si può (veramente?!) vivere così?*: « A graça. E é só ela que num certo ponto realiza aquilo que a companhia não conseguiu realizar e aquilo que o grande homem não conseguiu realizar.» Está a falar dos discípulos. Quando a Paixão chegou, todos os discípulos se esconderam, e não é que não existisse a companhia de Jesus. Mas tiveram de esperar o poder do Espírito para vencer esta última cisão. De facto, é a graça do Espírito que fez com que os discípulos pudessem ser livres, publicamente, diante de todos e sem medo. Por isso, São Paulo dizia que ninguém pode dizer que Jesus é Senhor, isto é, confessar Jesus com toda a sua energia e em toda a sua verdade, se não sob a acção do Espírito Santo. E como age este Espírito Santo entre nós? Este Espírito Santo para nós é a graça do carisma e só vivendo num lugar assim podemos realizar o último passo. Quando precisamos de enfrentar estas questões penso sempre em Jesus. O que Lhe permitiu partir da positividade, mesmo diante do desafio maior que um homem pode viver, quer dizer, da paixão e da morte? O quê? Só a relação com o Pai. Só uma relação que é mais poderosa que qualquer desafio, do que qualquer dor, porque no fim todos O abandonaram. É esta a questão da nossa vida: se a fé para nós é uma experiência presente, confirmada por ela, que faz imergir sempre mais uma relação com o Pai, que nos permite entrar em qualquer circunstância na companhia de Cristo. Porque a possibilidade de partir da positividade está exactamente ali, está no mistério último da realidade que para nós se revelou num rosto que se chama Cristo. Nele conhecemos o verdadeiro rosto, cheio de ternura por nós de um Pai, porque nós conhecemos o Pai através de Jesus. É apenas se esta relação última se torna cada vez mais familiar, mais verdadeira, mais persuasiva, que poderemos entrar em qualquer circunstância. De outra forma, assim que o desafio da vida supera as nossas capacidades de estar diante da realidade, estamos acabados. Então, termino relendo dois textos que começam na página 228 de *Ciò che abbiamo di più caro* [Aquila que temos de mais caro, sem tradução para o português; *ndt*] (que me impressionaram quando estava a preparar os Exercícios do CLU), para responder às duas questões fundamentais que emergiram nestes últimos dois capítulos e que me parecem indicativos do caminho que don Giussani nos propõe. Um é sobre a razão: “O problema de *O sentido religioso* é exactamente o de nos ajudar a perceber que o horizonte humano não se esgota naquilo que se vê e se toca. Então, é como um exercício [é como se nós precisássemos de treinar]: é exercitando a razão em função da fé [para não permanecer na aparência] – a fé como graça que faz florescer a razão –, é exercitando a própria vida racional [usando a razão assim] que, mais ou menos lentamente, o ‘como se Deus não existisse’ [viver a realidade, no fundo, como se Deus não existisse] se torna o Deus que se vê, o Deus que se escuta, o Deus que se torna amigo”. Don Giussani está-nos a convidar a um exercício, a um trabalho, ou seja, a usar a razão segundo toda a sua verdade, não permanecendo naquilo que se vê e se toca (o positivismo), de modo tal que nós, exactamente por este exercício da razão, aos poucos, começamos a vê-Lo, a tocá-Lo, reconhecemo-Lo no modo de usar a razão, porque – como dizia a penúltima pergunta desta noite – não podemos não viver a realidade se não como algo que

remete para além, que remete a este Tu. Imaginem se cada vez que ficamos atolados, que ficamos sufocados nas circunstâncias, começássemos – para usar um verbo belíssimo – a brandir a razão! Mas pensamos que a coisa mais interessante seja fazer outra coisa, seja fazer tudo menos isto... O segundo texto é sobre o tema da fractura entre reconhecimento e afeição: “O nexó entre reconhecimento e afeição é a última trincheira da batalha [vocês estão a perceber amigos?]. Que o reconhecimento de que Deus existe [que é o que a razão reconhece] se torne estável, tenha certa estabilidade, é suficientemente fácil com o tempo que passa [é no tempo que isto acontece, desde que a pessoa comece a fazê-lo]. A coisa mais difícil é que, deste Deus que existe [deste reconhecimento], que quase se vê [se a pessoa usa a razão, como dizia antes, se vê e se toca], se passe para a afeição a Ele [esta é a coisa mais difícil: todos podemos afirmar que Deus existe, mas que disto se passe à afeição, esta é a coisa mais difícil, a última trincheira]. Esta falta de afeição é superada pela maturidade que vem em seguida: é o tempo que faz, se a pergunta foi correcta, ou seja, se se sabe o que é a razão, se nos surpreendemos bem, se nos damos conta bem do que é a fé, se, portanto, nos damos conta do *input*, do empurrão que há dentro de cada coisa: cada coisa é sinal. Se nos damos conta, se começamos a vislumbrar a grande presença, então o tempo que passa faz esta presença tornar-se contínua e faz esta contínua presença tornar-se cada vez mais facilmente o objecto da afeição”. E quando se torna objecto de afeição, eu posso entrar em qualquer circunstância, como a criança com a mãe. Mas, para que isto aconteça convém estar disponíveis a fazer este trabalho, porque, de outra forma, esta afeição não existirá na nossa vida, nunca! Agora, podemos perceber-lo melhor: porque é que *don* Giussani insistia sobre isto? Porque sabia bem aquilo que estamos a dizer agora sobre o positivismo, ou seja, que nós tantas vezes usamos a razão de modo redutivo (e portanto nunca chegamos a superar esta fractura). Então, se queremos verdadeiramente ter esta positividade como ponto de partida em tudo, seja lá qual for a circunstância, o caminho que *don* Giussani nos propõe é verdadeiramente simples, está ao alcance de todos; basta levá-la a sério, basta que cada um aceite ser educado por isto, e então começará a perceber, antes de tudo para si, o que é a vida, que novidade se introduz na vida ao aceitar a proposta do carisma.

A próxima Escola de Comunidade será na quarta-feira, dia **11 de Janeiro**, às 21h30.

Retomaremos o capítulo XIV de *O sentido religioso*: “A energia da razão tende a entrar no desconhecido” (pp. 183-194). Perguntemo-nos isto, porque o dissemos no dia 26 de Janeiro: é apenas se temos esta experiência, que descrevemos agora, que podemos verdadeiramente viver este capítulo, que podemos verdadeiramente ser religiosos, assim como este capítulo o descreve. Vejamos o que surpreendemos relendo-o.

Assinalo a publicação do livro *Spirto gentil*, que contém os textos dos livrinhos que acompanham os 52 CDs da colecção *Spirto Gentil*, fundada e dirigida por *don* Giussani.

Sabemos como, para *don* Giussani, a música era um caminho privilegiado para a percepção do belo como esplendor da verdade, capaz de suscitar e manter vivo o desejo da “Beleza infinita”, e de como reconhecia na música uma modalidade excepcional através da qual o Mistério fala ao coração do homem; por isso, utilizava sistematicamente a escuta da música como instrumento privilegiado para a educação. Ter à disposição num único livro todos os seus comentários (junto dos comentários dos vários críticos, musicólogos e compositores), dos vários CDs “dos grandes maestros”, é um precioso instrumento, por isso o colocamos à disposição de todos neste volume.

*Glória*

Desejos de bom Natal a todos vocês e a todos os que nos acompanham em ligação directa.